



# ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

## SÍNTESE HISTÓRICA

1894 - 1954

**MANOEL ALBANO AMORA**

A ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS é a mais antiga das instituições congêneres existentes no Brasil, fundada que foi em Fortaleza, a 15 de agosto de 1894, com o nome de Academia Cearense.

A iniciativa da fundação coube ao notável historiador Guilherme Studart (depois Barão de Studart), o qual, em palestras com outros intelectuais eminentes, no Passelo Público e nas livrarias então existentes na cidade, lhes sugeriu a idéia do meritório cometimento. Na velha casa do Calçamento de Messejana, atual Avenida Joaquim Távora, onde residia o ilustre médico e vice-consul da Grã-Bretanha, o assunto voltou a ser discutido, sob a sua direção. E, no salão de honra da Fenix Calxelral, naquele distante 15 de agosto, foi oficialmente estabelecida a criação da gloriosa sociedade, pelo mesmo Guilherme Studart e, mais, Justiniano de Serpa, Farias Brito, Drumond da Costa, José Fontenele, Álvaro de Alencar, Benedito Sidou, Franco Rabelo, Antônio Augusto de Vasconcelos, Pedro de Queiroz, Alves Lma, Waldemiro Cavalcante e Antonino Fontenele.

Os objetivos da agremiação eram os seguintes:

"a) promover o exame das doutrinas ou questões literárias e científicas da atualidade, por meio de pareceres, memórias, livros, etc., que seriam entregues à publicidade, ou por discussões, palestras e conferências, cujos resumos ficariam exarados nas atas das respectivas sessões;

b) acompanhar o movimento intelectual dos povos cultos, por meio de exposições escritas das principais teorias, problemas, ou questões tratadas em revistas especiais ou obras nacionais e estrangeiras;

c) esforçar-se por alargar a esfera da instrução superior e secundária

do Ceará, devendo criar, manter ou auxiliar institutos profissionais e técnicos sempre que lhe fôsse possível;

d) procurar levantar a instrução primária, provocando pela imprensa ou oralmente a atenção dos poderes públicos para os variados problemas da educação, da pedagogia, dos programas e, em geral, dos assuntos que a ela se prendem;

e) fomentar o gosto artístico e literário pelos meios ao seu alcance."

Os Estatutos primitivos foram elaborados por uma comissão composta de Justiniano de Serpa, Pedro de Queiroz e Waldemiro Cavalcante e aprovados na sessão de 26 de setembro do mesmo ano. O seu artigo 23 dispôs que fossem considerados fundadores Tomaz Pompeu, Pedro de Queiroz, Waldemiro Cavalcante, Raimundo de Arruda, Álvaro Mendes, R. de Farias Brito, Antônio Augusto de Vasconcelos, Guilherme Studart, José Carlos Junior, Virgílio A. de Moraes, José Domingues Fontenele, José de Barcelos, Antônio Bezerra, F. Alves Lima, Drumond da Costa, Eduardo Studart, Adolfo F. Luna Freire, Eduardo Salgado, Alcântara Bilhar, Franco Rabelo, Benedito Eidou, Antonino Fontenele, Antônio Teodorico da Costa Filho, Álvaro de Alencar, Padre Valdivino Nogueira, Henrique Théberge e Justiniano de Serpa.

Era condição de ingresso no sodalício, segundo dispunha o aludido diploma, haver o candidato publicado alguma obra literária, artística ou científica de real merecimento.

Forti Nihil Difficile, a divisa de Lord Beaconsfield, foi adotada como lema da nobre companhia, por proposta de Tomaz Pompeu.

No período imediato ao da constituição, funcionou uma diretoria provisória em que figuraram como presidente Guilherme Studart e como secretários Antônio Augusto de Vasconcelos e Raimundo Leopoldo Coelho de Arruda.

A primeira diretoria efetiva foi a seguinte:

Tomaz Pompeu — presidente  
 Pedro de Queiroz — vice-presidente  
 Virgílio de Moraes — vice-presidente  
 Waldemiro Cavalcante — 1º Secretário  
 Raimundo de Arruda — 2º Secretário  
 Justiniano de Serpa — orador  
 Álvaro Mendes — tesoureiro.

Exerceram também a presidência, em diferentes épocas, Pedro de Queiroz, Justiniano de Serpa, Antônio Sales, Leiria de Andrade, Martinz de Aguiar, Tomaz Pompeu Sobrinho e Dolor Barreira, atual titular, sendo que o terceiro e os dois últimos em caráter não eventual.

No decorrer da sua proveitosa existência, a Academia foi reformada duas vezes: em 1922, por sugestão de Leonardo Mota e deliberação de Justiniano de Serpa, então Presidente do Estado, quando passou a se chamar Academia Cearense de Letras e as cadeiras começaram a ser patrocinadas por nomes ilustres, e em 1930, por esforços de Walter Pompeu. Em 1951, a 10 de maio, fundiu-se com a Academia de Letras do Ceará, atendendo a um caloroso apêlo de Mário Linhares.

As sessões ordinárias realizaram-se, a princípio, no salão de honra da



GRUPO DE ACADÊMICOS — Sessão magna de 8-9-1922 — Sentados da esquerda para a direita: Antônio Teodorico da Costa, Antônio Augusto de Vasconcelos, Raimundo de Arruda, Tomás Pompeu, Justiniano de Serpa, Guilherme Studart (Barão), Leonardo Mota e Alf. Castro. De pé: José Lino da Justa, Quintino Cunha, Francisco Prado, Cruz Filho, Tomás Pompeu Sobrinho, Fernandes Távora, Alba Valdez, Alvaro de Alencar, Sales Campos, Antonino Fontenele, Soares Bulcão, José Sombra, Andrade Furtado, Raimundo Ribeiro, Otávio Lobo, Cursino Belém, Bení Carvalho, Carlos ————— Câmara e Júlio Ibiapina. —————



Grupo de acadêmicos que tomaram parte na sessão de 1º de Outubro de 1952, que recepcionou o escritor conterrâneo Gustavo Barroso: de pé, da esquerda para a direita — J. V. Ribeiro Ramos, Sidney Neto, Abelardo Montenegro, Antônio Martins Filho, Henriqueta Galeno, Manoel Albano Amóra, Adonias Lima, Hugo Catunda, Júlio Maciel e Gastão Justa. Sentados: — Andrade Furtado, Dolor Barreira, — Gustavo Barroso, Fernandes Távora e Padre Misael Gomes. —

Fenix Calxelral, depois, no do Clube Euterpe, no Instituto do Ceará (baixos da Assembléa Legislativa e prédio onde atualmente funciona o Museu Histórico), casa de residência de Walter Pompeu, Clube Iracema, Instituto Epitácio Pessoa, casa de residência de Dolor Barreira e Casa de Tomaz Pompeu. Em todos êsses locais, importantes trabalhos foram lidos pelos componentes do quadro de sócios efetivos e alguns correspondentes. Dentre outros, devem ser mencionados: "Finalidade do Mundo" (excertos), de Farias Brito; "O Marquês de Tamandaré", de José Artur Montenegro; "O Ceará Literário nos últimos dez anos", de Rodrigues de Carvalho; "O Ceará e os Cearenses", de Antônio Bezerra; "Aspectos da Arte Colonial Brasileira", de Cunha Barbosa; "Habitação", de Antônio Teodorico da Costa; "A Energia Moral e o Culto da Pátria", de Antônio Furtado; "Doutor Geraldo" (fragmento de romance), de Jáder de Carvalho; "Divagação Através das Letras", de Dolor Barreira; "Estrada de Damasco" (fragmento de romance), de Antônio Sales; "Mário da Silveira", de Julio Maciel; "O Ceará na Poesia de Humberto de Campos", de Cruz Filho; "Jograís do Parnaso", de Ermínio Araújo; "Imbés (fragmento de romance), de Amóra Maciel; "Visões do Passado", de Gustavo Barroso; "Teoria de Trasladação de Continentes", de Renato Braga; "Dois Poetas da Bahia", de Fernandes Távora; "Monsenhor Furtado", do Padre Misael Gomes; "Virgílio Brígido", de Alba Valdez; "Lívio Barreto", de Gastão Justa; "O Bi-Milenário de Paris", de Abelardo Montenegro; "Auta de Sousa", de José Valdivino; "Franceses no Ceará", de Raimundo Girão; "O Túmulo de Anchieta", de Leite Maranhão; "Rodolfo Teófilo", de Mário Linhares; "O Ceará e o seu algodão", de Natanael Cortez.

Essões públicas, concorridas e movimentadas, têm sido celebradas, em comemoração de datas festivas ou acontecimentos fúnebres: a de 15 de agosto de 1895, dia do primeiro aniversário, no edifício da Assembléa Legislativa, discursando Tomaz Pompeu, Pedro de Quelroz, Justiniano de Serpa, Antônio Augusto, Padre Valdivino Nogueira, êste lendo a sua bela produção "A Cruz na História", e vários outros oradores, estranhos ao grêmio acadêmico; a de 22 de junho de 1896, dedicada à memória de José Carlos Júnior, abrilhantada pelos discursos de Justiniano de Serpa e Dr. Gonçalo Souto; as de posse dos acadêmicos Rodrigues de Carvalho, Natanael Cortez, Leonardo Mota, Alba Valdez, José Valdivino e João Climaco Bezerra; as de homenagem póstuma a Justiniano de Serpa, Antônio Sales, Walter Pompeu, Guilherme Studart, Jcsé Sombra e Joaquim Alves, falando sobre o segundo J. J. de Pontes Vieira, no magnífico estudo "A figura gentil de Antônio Sales"; as do bi-centenário de Antônio Vieira, décimo quinto centenário da morte de Santo Agostinho e bi-milenário de Paris; as alusivas aos centenários de Antônio Augusto, Justiniano de Serpa, Tomaz Pompeu, Antônio Martins, Rodolfo Teófilo, Francisco Barbosa de Paula Pessoa e Virgílio Brígido, de que foram oradores Martins Filho, Hugo Catunda, Faustino Nascimento, Carlyle Martins, Mário Linhares, Jáder de Carvalho, Padre Misael Gomes, e Alba Valdez; as de recepção a Gustavo Barroso, Pedro Calmon, Temístocles Brandão Cavalcante, Barreto Campêlo, Clóvis Monteiro e Mozart Monteiro, que foram saudados por Fernandes Távora, Dolor Barreira e Mário Linhares; a de 8 de setembro de 1922, no Club Iracema, em consequência da reforma procedida, sob a presidência de Justiniano de Serpa, chefe do Poder Executivo estadual; a de 15 de agosto de 1951, no auditorium do Instituto de Educação, comemorativa da fusão com a Academia

de Letras do Ceará e de posse dos acadêmicos Raimundo Girão, Martins Filho, Joaquim Alves, Fran Martins, Filgueiras Lima, Abelardo Montenegro e Braga Montenegro, em que discursaram Andrade Furtado, Filgueiras Lima e Mário Linares, este como representante da Federação das Academias de Letras do Brasil; a de 15 de agosto de 1954, comemorativa do transcurso do 60º aniversário da fundação, na Casa de Tomaz Pompeu, presidida pelo Governador Stenio Gomes, com a presença do membro fundador Dr. Francisco Alves Lima e discursos deste, de Andrade Furtado, orador oficial da solenidade, Martins Filho, que saudou Alves Lima, Gastão Justa, que discorreu sobre a efeméride literária, e Mário Linares, como representante da Federação das Academias de Letras do Brasil.

O plano de um livro monumental sobre o Ceará constituiu preocupação digna de nota dos infatigáveis obreiros de 1894. A autoria do primeiro projeto pertenceu a Guilherme Studart. Constaria de 33 capítulos e seria intitulado — "O Ceará em 1896", com as epígrafes e distribuição seguintes:

#### PRIMEIRA PARTE

- Cap. 1. "Estrutura Física do Solo" — Antônio Bezerra
- " 2. "Clima e Salubridade" — Tomaz Pompeu
- " 3. "Geologia" — Antônio Bezerra
- " 4. "A Flora e a Fauna" — Henrique Theberge
- " 5. "Topografia" — Álvaro de Alencar.

#### SEGUNDA PARTE

- Cap. 1. "População" — Tomaz Pompeu
- " 2. "Povoamento" — Guilherme Studart
- " 3. "Emigração" — Drumond da Costa
- " 4. "Raças e Tipos" — Luna Freire
- " 5. "Língua" — Raimundo Arruda
- " 6. "Costumes" — Antônio Bezerra
- " 7. "Alimentação" — Eduardo Salgado
- " 8. "Habitação" — Antônio Teodorico da Costa
- " 9. "A Família e a Sociedade" — Antonino Fontenele
- " 10. "Pauperismo" — Eduardo Salgado
- " 11. a) "Brincos e festas populares" — Antônio Bezerra
- b) "Teatro" — José Carlos Júnior
- " 12. "Higiene" — Luna Freire
- " 13. "Idéias, crenças e religião" — Farlas Brito
- " 14. "Artes e letras" — José Carlos Júnior
- " 15. "Cultura Científica" — Alves Lima
- " 16. "Instrução e Educação" — José de Barcelos
- " 17. "Vida Política" — Justiniano de Serpa
- " 18. "Município" — Waldemiro Cavalcante
- " 19. "Organização política e administrativa" — Pedro de Queiroz
- " 20. "Organização Militar" — Franco Rabelo

- " 21. "Organização Eclesiástica" — Padre Valdivino Nogueira
- " 22. "Propriedade Territorial" — Alcântara Bilhar
- " 23. "Agricultura" — Tomaz Pompeu
- " 24. "Criação" — Tomaz Pompeu
- " 25. "Indústria" — Alves Mendes
- " 26. "Comércio e Navegação" — Eduardo Studart
- " 27. "Finanças" — Virgílio de Moraes
- " 28. "História" — Guilherme Studart

A publicação de uma revista foi tarefa também não descuidada. Em 1896, começou a circular a "Revista da Academia Cearense", hoje "Revista da Academia Cearense de Letras", um órgão que conta nas suas páginas, muitas já amareladas pelo tempo, trabalhos valiosos pelo que neles se contém e pelas penas amestradas que os escreveram. Em 1903, o cenáculo, juntamente com o Centro Literário e o Instituto do Ceará, festejando o Tricentenário da chegada dos primeiros portugueses à nossa terra, cunhou uma medalha, de alumínio, em cujo averso está gravada uma pequena estrela, acompanhada das inscrições referentes à magna efeméride, e no reverso encontram-se as armas do Estado do Ceará.

Um serviço inestimável prestado à cultura foi, sem dúvida, o oferecimento de um parecer sobre "A Reforma Ortográfica da Academia Brasileira de Letras", proferido pela Comissão de Lexicografia e Filologia, integrada por J. M. de Carvalho Júnior, Presidente, Erminio Araújo, José Martins Rodrigues e Martinz de Agular. Os Estatutos em vigor, publicados no "Diário Oficial" do Estado, de 17 de maio de 1952, e o Regulamento Interno foram redigidos pelo acadêmico Raimundo Girão e revistos por Andrade Furtado e Cruz Filho. Os Estatutos anteriores, votados em 1930, haviam sido elaborados por uma comissão de que eram membros Joel Linhares, presidente, Elias Malmann, relator, Walter Pompeu, Josafá Linhares e Jáder de Carvalho. A Biblioteca, denominada presentemente Biblioteca Justiniano de Serpa, em homenagem a um dos mais cultos e brilhantes acadêmicos de outrora, foi constituída na gestão de Martinz de Agular e acrescida em 1951 dos livros que pertenceram ao falecido escritor Hugo Victor, por doação do governo estadual, a cuja frente se encontrava o Snr. Dr. Raul Barbosa. Está inscrita no Instituto Nacional do Livro, onde tem o registro n. 6213, desde 26 de julho de 1954.

A Galeria dos Fundadores, composta dos seus retratos, pintados pelo artista J. Ribeiro, foi inaugurada a 15 de agosto de 1954.

O emblema, de uso extra-oficial recente, representando uma jangada que aporta à praia dos verdes mares, em que se vê ao longe um coqueiro, paisagem tipicamente cearense, foi oferecida por Mário Linhares, havendo sido desenhado pelo Comandante Carlos Garrido, da Marinha Brasileira, residente no Rio de Janeiro.

Três títulos de glória pode ostentar, sobranceiramente, a Academia Cearense: mereceu ser representada, em 1897, na inauguração da estátua de José de Alencar, na capital da República, por Machado de Assis; cabe-lhe a primazia de haver pleiteado a criação nesta cidade de uma Faculdade de Direito, o que fez pela voz do mais notável dos seus sócios, Farias Brito, na sessão de 30 de agosto de 1901; teve o privilégio, singular na história do país, de realizar suas

sessões em uma casa de governo, as de 17 de julho e 19 de agosto de 1922, quando se reuniu no Palácio da Luz, sob o patrocínio do grande Presidente Justiniano de Serpa.

Considerada de utilidade pública pela Lei estadual n. 2051, de 11 de novembro de 1922, tem também personalidade jurídica, de conformidade com o que se acha registrado, com a data de 14 de agosto de 1952, no Livro 5, n. 726, folhas 499 a 501, do Cartório Carlotto Pergentino Maia. A sua finalidade é o cultivo e desenvolvimento das letras em geral.

O patrono dos seus trabalhos é o seu principal fundador e maior servidor — Guilherme Studart.

É a mais alta corporação literária do Ceará, pelo fulgor do seu passado e do seu presente.

#### ATA DA SESSÃO DE FUNDAÇÃO DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

##### SESSÃO DE 15 DE AGOSTO DE 1894

Aos 15 dias de Agosto de 1894, presentes no salão de honra da Phenix Calceiral” os Srs. Justiniano de Serpa, Farias Brito, Drumond da Costa, José Fontenele, Alvaro de Alencar, Benedito Sidou, Franco Rabelo, Antonio Augusto, Guilherme Studart, Pedro de Queiroz, Alves Lima, Waldemiro Cavalcante e Antonino Fontenele, após ligeiras considerações sobre o fim da reunião, resolveu-se fundar nesta data uma sociedade de denominada Academia Cearense, com os seguintes fins:

a) Examinar e emitir parecer sobre teorias, problemas e questões da atualidade;

b) acompanhar o movimento intelectual dos povos cultos, adaptando ao nosso meio as idéias, que parecerem mais úteis ao seu melhoramento e ao engrandecimento do espírito humano;

c) estabelecer palestras e conferências;

d) trabalhar pelo levantamento da instrução, maxímé do ensino profissional.

Procedendo-se à eleição da mesa provisória ficou ela assim composta — Presidente Sr. Guilherme Studart, Secretarios, Sr. Antônio Augusto de Vasconcelos e Raimundo Coelho de Arruda.

Escolheram-se igualmente duas comissões, uma para a confecção de estatutos, a qual ficou composta dos Srs. Justiniano de Serpa, Pedro de Queiroz e Waldemiro Cavalcanti e uma outra executiva, composta dos Srs. Alvaro de Alencar, José Fontenele e Alves Lima”.

(Da REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE, ano I, fascículo I, Fortaleza, 1896).



## OS FUNDADORES

1 — GUILHERME STUDART — O principal fundador da Academia Cearense de Letras e o seu mais denodado servidor. Nasceu em Fortaleza, à rua Major Fa-cundo n. 73, a 5 de janeiro de 1856. Filho primogênito de John William Studart, vice-consul da Grã-Bretanha no Ceará, e de D. Leonísia de Castro Studart.



Médico, diplomado pela Faculdade da Bahia a 15 de Dezembro de 1877. Clínico dedicado à caridade, curou as lores físicas das criaturas humildes. Na grande seca de 1877 a 1880 foi notável a sua ação filantrópica em benefício dos variolosos. Na qualidade de presidente da Sociedade de São Vicente de Paulo, continuou a prestar à indigência relevantes serviços, durante longos anos, dando constantes provas do seu espírito humanitário. Foi um dos heróis mais destacados do movimento abolicionista na província. Dando-se aos estudos históricos, ninguém o excedeu em devotamento às pesquisas desse gênero, cujos resultados eram, depois, por ele divulgados em livros e revistas. Colheu nos arquivos

portugueses e holandeses, com a paciência de um benedito, importantes documentos relativos à História do Brasil e principalmente do Ceará.

Fêz parte das mais célebres sociedades científicas, históricas e literárias do país e do estrangeiro.

Fundou, além da Academia Cearense, o Instituto do Ceará e o Centro Literário. Na Academia foi o propulsor da sua profícua atividade, animando a realização das sessões, fazendo o trabalho de intercâmbio, propondo sócios correspondentes e tomando a si a árdua tarefa da publicação da Revista, até 1914.

Consagrou a maior parte da sua existência ao culto das tradições pátrias e ao amor ao Ceará. A brilhante comemoração do tricentenário da chegada dos primeiros portugueses à nossa terra foi devida aos seus esforços. A elaboração do Hino do Ceará, por Alberto Nopomuceno e Tomaz Lopes, resultou de uma solicitação sua a êsses eminentes conterrâneos.

Era o verdadeiro Mecenas das letras cearenses. Para divulgá-las, criou a Tipografia Studart, cujas despesas corriam às suas expensas, altruística e patrioticamente.

Mereceu da Santa Sé o título de Barão, que lhe foi outorgado pelo Papa Leão XIII, a 22 de janeiro de 1900. Historiógrafo consciencioso e seguro, tornou conhecidos fatos relevantes e elucidou questões controvertidas, relativos ao passado da gleba do seu nascimento. Escreveu mais de cem livros e folhetos a respeito de assuntos da sua especialidade. Figura nacional de primeira grandeza, é uma glória da terra alencarina. Faleceu em Fortaleza, a 25 de setembro de 1938.

**Obras principais:**

"Da Eletroterapia" (tese do doutoramento)

"Gramática Inglesa"

"Elementos da Gramática Inglesa"

"Seiscentas datas para a crônica do Ceará na segunda metade do século XVIII"

"Notas para a História do Ceará"

"Datas e Fatos para a História do Ceará"

"Dicionário Bio-bibliográfico Cearense"

"Documentos para a História do Brasil e, especialmente, a do Ceará"

"Para a História do Jornalismo Cearense"

"Geografia do Ceará".

2 — JUSTINIANO DE SERPA (Justiniano José) Nasceu em Aquiraz, a 6 de janeiro de 1852.

Filho de Manuel da Costa Marçal. De origem humilde, ascendeu às mais elevadas posições, por esforço próprio. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Recife, em 1888. Exerceu, antes de formado, diversos cargos públicos, como secretário e advogado da Câmara de Aquiraz e lente de História Universal e do Brasil do Liceu do Ceará, além de haver desempenhado, mais de uma vez, o mandato de Deputado Provincial.



Redigiu em Fortaleza os jornais "Constituição", órgão do Partido Conservador, "A Pátria", "O Norte" e "Diário do Ceará" e fez parte da redação de "Iracema", órgão do Centro Literário. Foi um dos mais fervorosos adeptos do movimento abolicionista, cujos ideais defendeu pela imprensa e pela tribuna. Em Manaus, para onde se transferiu depois, redatorizou a "Federação" e "Rio Negro", foi Superintendente do governo do município, Delegado da Intendência, Procurador da República, Diretor da Biblioteca Pública do Estado e professor e Inspetor Federal junto ao Ginásio Amazonense.

Deixando o Amazonas, indo residir no Pará, em Belém ocupou as funções de professor e Vice-Diretor da Faculdade de Direito e montou banca de advogado, que foi das mais conceituadas.

Eleito Deputado Federal em 1906, integrando a representação paraense, viu o seu mandato renovado em várias legislaturas. Na Câmara dos Deputados foi escolhido presidente da Comissão de Finanças e teve fulgurante atuação na discussão do projeto do Código Civil.

Em 1920, depois de disputada eleição em que saiu vitorioso, assumiu o governo do Ceará, na qualidade de Presidente do Estado, havendo sido brilhante a sua gestão, infelizmente interrompida com a morte. Fundador e esforçado membro da Academia Cearense e seu primeiro orador oficial, promoveu-lhe em 1922 a reconstituição, quando abrigou o tradicional cenáculo no Palácio da Luz. Jornalista, poeta, crador primoroso e arrebatador, parlamentar, jurista e homem público dos maiores da história republicana, Justiniano de Serpa é um dos

cearenses mais ilustres. Faleceu no Rio de Janeiro, a 1 de agosto de 1923.

**Obras principais:**

- "O Poeta e a Virgem"
- "Oscilações" (poesias)
- "Três Liras" (poesias, com Antônio Bezerra e Antônio Martins)
- "Sombras e Clarões" (versos)
- "Discurso" (proferido a 14-8-1887 em favor do monumento ao General Tibúrcio)
- "Sob os ciprestes"
- "Discurso" (pronunciado na sessão fúnebre da Academia em homenagem a José Carlos Júnior)
- "A Educação Brasileira — seus efeitos sobre o nosso meio literário" (tese de concurso à cadeira de Literatura Nacional no Ginásio Amazonense)
- "Discurso" (na sessão magna comemorativa do 1.º aniversário da Academia Cearense)
- Reforma da Legislação Cambial" (discurso no Congresso Nacional)
- "Questões de Direito e de Legislação".

3 — FARIAS BRITO (Raimundo de) Nasceu em São Benedito, a 24 de julho de 1863. Filho de Marcolino José de Brito e de D. Eugênia Alves de Farias.



Fêz os primeiros estudos em Sobral e cursou depois o Liceu do Ceará. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Recife, em 1884. Exerceu no Ceará os cargos de Promotor de Justiça de Viçosa e Aquiraz, Secretário de Governo nas administrações Calo Prado e José Clarindo de Queiroz e professor de Grego e de História do Liceu. No Pará, foi advogado de nota, 3.º Promotor da Capital, lente de Lógica do Liceu e de Filosofia da Faculdade de Direito.

Na Capital Federal, onde por último estabeleceu o seu domicílio, ocupou a cátedra de Filosofia do Colégio Pedro II, conquistada em memorável concurso em que teve como competidor Euclides da Cunha, para a qual se foi nomeado após a morte deste, embora houvesse sido o verdadeiro vencedor. É o vulto de maior destaque dos estudos filosóficos no nosso país. Os seus trabalhos têm despertado, nos últimos anos, uma forte e salutar reação espiritualista nas elites intelectuais.

**Obras principais:**

- "Cantos Modernos" (poesias)
- "Pequena História" (ligeiro apanhado sobre os fenícios e hebreus)
- "Finalidade do Mundo"
- "Sobre a Filosofia de Malebranche"
- "A Verdade como regra das ações"
- "A Filosofia como atividade permanente do espírito humano"
- "A Filosofia Moderna"

"Evolução e Relatividade"

"A Base Física do Espírito"

"O Mundo Interior".

4 — DRUMOND DA COSTA (Antônio Luís) — Nasceu no Ceará. Filho do Major Joaquim José da Costa e de D. Ana Isaura Drumond da Costa.

Formou-se em Direito pela Faculdade de Recife, em 1890. Exerceu em 1897 as funções de professor interino de Francês do Liceu do Ceará e, na mesma época, as de Juiz de Direito de Milagres.

Redigiu o jornal político "O Norte", de Fortaleza, com Martinho Rodrigues, João Oton, Gonçalo de Lagos, Justiniano de Serpa, Alves Lima e Pedro Gomes da Rocha.

Antônio Bezerra o considerou, em "O Ceará e os Cearenses", um dos vultos preeminentes do jornalismo conterrâneo. O bem feito primo-editorial da poliantea dedicada a Oliveira Sobrinho, publicada em 1897, é de sua lavra. No Amazonas, para onde se transferiu, foi Auditor de Guerra, Juiz Municipal de Humaitá, Procurador Seccional da República e colaborador do "Comércio de Manaus".

Em 1937 esteve em vista á capital cearense, merecendo honrosas referências da imprensa local. Faleceu em Manaus.

**Obras principais:**

"Razões" (na ação que propôs contra a União em defesa de seus direitos) e vários artigos de colaboração em jornais e revistas.

5 — J. FONTENELE (José Domingues) — Nasceu na fazenda Cipoal, da comarca de Piracuruca, Estado do Piauí, no ano de 1869.

Filho de José Joaquim Fontenele Sobrinho e de D. Maria da Conceição Fontenele.

Estudou preparatórios no Liceu do Ceará. Coursou a Faculdade de Direito de Recife, recebendo o diploma de bacharel em 1893.

Exerceu no Ceará os cargos de Juiz Substituto de Itapipoca, Promotor de Justiça de Fortaleza, Procurador dos Feitos da Fazenda Municipal na mesma cidade e professor de Matemática, interino, do Liceu. No Estado de Amazonas foi Juiz de Direito da comarca de Remate de Males.

No Ministério Público cearense defendeu com firmeza e brilho as causas que lhe foram confiadas, mesmo tendo adversários do porte de Farias Brito, como certa vez aconteceu. Fêz parte do Grémio General Sampaic. Era profundo conhecedor da lingua inglesa e orador afamado. Faleceu a 25 de abril de 1905, a bordo de um navio, no rio Amazonas, sendo sepultado na localidade de Fonte Boa.

**Obras principais:**

"Discurso" (em prol da ereção de um monumento ao Senador Pompeu, 1904) e vários trabalhos jurídicos.

6 — ALVARO DE ALENCAR (Alvaro Gurgel) — Nasceu no Icó, a 10 de janeiro de 1861. Filho do Dr. Rufino Antunes de Alencar e de D. Quitéria Dulcineia Gurgel de Alencar. Coursou o Liceu do Ceará. Diplomou-se em Direito pela Facul-

dade de Recife, em 1885. Quando estudante, na capital pernambucana, manifestou os seus ideais abolicionistas e republicanos, ao lado de Joaquim Nabuco e José Mariano, respectivamente.

Pertenceu a várias sociedades emancipadoras, como a Caixa **Emancipadora Pedro Pereira** e **Clube Abolicionista** de Recife, **Clube Abolicionista**, de Golana, e **Messejanense Libertadora** e **Sociedade das Messejanenses Libertadoras**, de Messejana, Ceará.

No seu Estado natal exerceu as funções de Promotor de Justiça de Quixeramobim e Viçosa, Juiz Municipal dos termos reunidos de Granja, Camocim e Palma, Juiz de Direito de Granja, S. Francisco, Quixadá e Pacatuba e Desembargador do Tribunal da Relação, cargo este em que se manteve durante doze anos. Fêz parte do corpo docente da Faculdade de Direito, na qualidade de professor de Legislação Comparada. Foi jurista e historiador de renome. De sua lavra é o excelente "Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Estado do Ceará", repositório de preciosas informações sobre a terra cearense. Faleceu em Fortaleza, a 12 de julho de 1945.

#### Obras principais:

"Traços Biográficos do Bacharel Pedro Pereira da Silva Guimarães"

"Apontamentos para a notícia da Comarca da Viçosa"

"Sentença de Sustentação de não pronúncia"

"Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Estado do Ceará"

"Discurso" (pronunciado na sessão fúnebre da Faculdade de Direito dedicada à memória do Prof. Alcântara Bilhar)

"Discurso" (de posse como professor da Faculdade de Direito)

"Memória Histórica do ano de 1906" (alusiva à Faculdade de Direito).

7 — BENEDITO SIDOU (Benedito Façanha) — Nasceu em Cascavel, a 12 de junho de 1864. Filho do Major Francisco Severiano Façanha Sidou e de D. Benedita de Oliveira Sidou. Coursou em Fortaleza o Instituto de Humanidades, dirigido pelo Monsenhor Bruno Figueiredo. Matriculado na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, dela saiu com o diploma de Engenheiro Civil. Durante o curso superior, exerceu, na metrópole, vários cargos de menor relêvo, a fim de fazer face às despesas com a própria manutenção. Foi alferes do Batalhão Acadêmico formado nos primórdios da República para a defesa das novas instituições.

Depois de formado trabalhou na construção da Estrada de Ferro de Baturité, como condutor, ajudante, chefe de secção e chefe do tráfego e locomoção.

Fêz parte da comissão de estudos da duplicação da linha da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Em Manáus, foi ajudante do Diretor de Obras Públicas e professor de Matemática da Escola Modelo e de Geografia da Escola Normal, ambas por concurso.

Era possuidor de grande cultura científica. Faleceu em Fortaleza, a 16 de maio de 1926.

#### Obras principais:

"Figura da Terra e Teoria das Marés" (tese de concurso)

"Concepção Geral da Matemática" (tese de concurso).

8 — FRANCO RABELO (Marcos) — Nasceu em Fortaleza, a 25 de abril de 1861. Filho de Antônio Franco Alves de Melo e de D. Ana Franco Rabelo. Coursou o Liceu do Ceará. Sentou praça como 2º cadete no 15º B. I., com destino à Escola Militar, saindo alferes-aluno a 12 de janeiro de 1884. Tinha os cursos de Artilharia, Infantaria, Cavalaria e Engenharia e o grau de Bacharel em Matemáticas e Ciências Físicas. Adepto das idéas republicanas, sofreu perseguições, sendo removido várias vezes. No Ceará, onde testemunhou a implantação da República, foi professor da Escola Militar e secretário do Clube Militar. Construiu neste Estado o açude Lages e reparou as pontes de Redenção. Na Capital Federal, lecionou na Escola Militar de Realengo e na Escola do Estado Maior do Exército e serviu junto à Estrada de Ferro Central do Brasil.

Indicado pelo povo para suceder ao Comendador Nogueira Acioli na suprema magistratura estadual, foi eleito e, após a deposição daquele venerando cearense, assumiu o cargo de Presidente a 14 de julho de 1912, recebendo-o das mãos do Cel. Bellsário Cícero Alexandrino.

Governou durante um período agitado, realizando regular administração, que foi interrompida a 15 de março de 1914, quando entregou as funções ao Cel. Setembrino de Carvalho, Interventor Federal, nomeado em virtude da irrupção do movimento armado de Juazeiro, chefiado por Floro Bartolomeu. Era homem culto e honrado. Foi um ídolo dos seus conterrâneos. Faleceu no Rio de Janeiro, a 19 de outubro de 1929.

#### Obras principais:

"Ao Povo Cearense" (Plataforma de Governo)

"Mensagem Apresentada à Assembléa Legislativa" (1913).

9 — ANTÔNIO AUGUSTO DE VASCONCELOS — Nasceu em Maranguape, a 23 de dezembro de 1852. Filho de Justino Augusto de Vasconcelos e de D. Fran-



cisca Cândida de Vasconcelos. Coursou o Seminário de Fortaleza, que abandonou em 1876, matriculando-se na Faculdade de Direito de Recife, onde, após um curso brilhante, recebeu com distinção o grau de bacharel, a 5 de novembro de 1880. Em Recife, manteve, com os seus colegas Gil Amora, Virgílio Brígido, Pedro de Queiroz, Tarquínio de Sousa Filho e José Augusto de Sousa Amaranto, a revista "Ensaio Jurídico e Literário" e colaborou na imprensa. Voltando ao Ceará, exerceu os cargos de Promotor de Justiça de Canindé e Granja e Juiz Municipal de Aracati e Petrelo, deixando em tôdas essas localidades traços da sua passagem, com a fundação de gabinetes de leitura e uma Escola Popular e pela pregação abolicionista que levou a efeito. Abandonando as funções judiciárias, entregou-se ao magistério público e particular, lecionando História na Escola Militar e Geografia no Liceu do Ceará. Dirigiu a Biblioteca Pública do Estado. Teve assento como deputado na Assembléa Legislativa. Foi um dos mais ardorosos defensores da ideia da fundação

de uma Assembléa Legislativa. Foi um dos mais ardorosos defensores da ideia da fundação

da Faculdade de Direito do Ceará e, criado o importante instituto em 1903, nêlo ocupou a cátedra de Filosofia do Direito. Fundou, com outros reputados intellectuais, o Instituto do Ceará. Dirigiu o periódico "Galeria Cearense" e colaborou no "Ceará" e na "A Verdade". Era jornalista vibrante e orador que encantava os mais seletos auditórios, pela eloquência, cultura clássica, ritmo das frases, sonoridade da voz e atitude imponente na tribuna. Educou primorosamente a prole, constituída de quinze filhos, dentre os quais se contavam escritores, professores e juristas, todos possuidos de vasta ilustração, o que levou Pedro de Queiroz a dizer que o preclaro cearense tinha uma academia em casa. Faleceu em Fortaleza, a 10 de março de 1930.

**Obras principais:**

"Município de Pereiro"

"Abuso de Imposto"

"A Evolução do Passado"

"Apontamentos Biográficos do Dr. Moura Brasil"

"Juízo Crítico sôbre o Dicionário geográfico e histórico das campanhas do Urugual e Paraguai, pelo General Leite de Castro".

"Cristo no Juri".

10 — PEDRO DE QUEIROZ (Pedro Tomaz de Queiroz Ferreira) — Nasceu em Cascavel, a 5 de setembro de 1854. Filho de João Tomaz Ferreira e de D. Laurentina Queiroz Ferreira. Bacharel em Direito, formado a 12 de novembro de 1880 na Faculdade de Recife.

Quando estudante de preparatórios, redigiu em Fortaleza, com Clóvis Beviláqua, Paula Neí, Gil Amóra e João Edmundo, o jornal "E Pur Se Muove".

Em Recife, redatoriou, com Antônio Augusto, Virgílio Brígido, Gil Amora, Tarquínio de Sousa Filho e José Augusto de Sousa Amaranto, o "«Ensaio Jurídico e Literário", colaborou no "Academus", "Revista de Pernambuco" e "Provincia de Pernambuco" e foi relator da comissão da redação do órgão do Clube Liberal Acadêmico e um dos oradores das solenidades promovidas por ocasião da passagem do centenário de Camões.

Exerceu no Ceará os cargos de Juiz Municipal de Baturité, Chefe de Polícia, na antiga provincia e, depois, no Estado, e Desembargador do Tribunal da Relação.

Manteve em Baturité o periódico "O Tempo", com Pedro Sombra e Pedro Catão, e colaborou vastamente na imprensa da capital.

Profundo conhecedor do Direito Penal, da Sociologia e da Literatura, foi no seu tempo um dos escritores mais cintilantes da nossa terra.

Demitido injusta e afrontosamente do cargo de Desembargador pelo sucessor do General José Clarindo no governo estadual, recolheu-se à vida privada. Faleceu em Fortaleza, a 12 de julho de 1918.

**Obras principais:**

"O Novo Regimen. O Cidadão de 13 de Maio. A Escola e o Trabalho"  
(com o pseudônimo de Wilbergorce)

- "Palavras de Política Criminal"
- "Sociologia Criminal"
- "Fragmentos"
- "Estudos Literários"
- "O Tricentenário da Evolução Cearense"
- "O Projeto do Código e o Divórcio"
- "Relatório de Chefe de Polícia"
- "Sociologia Criminal"
- "A Luta contra o crime"
- "Cifras criminais do Ceará"

11 — ALVES LIMA (Francisco) — Nasceu em Pedro II, Estado do Piauí, a 2 de janeiro de 1869. Filho de Francisco Alves de Moraes, cearense, e de D. Raquel Cecília de Oliveira Lima. Aos dez anos de idade, veio para o Ceará, onde iniciou os seus estudos no Instituto de Humanidades, dirigido pelo Mon senhor Bruno Figueiredo. Terminados os preparatórios, depois de breve passagem pelo Liceu do Ceará, seguiu para Recife, matriculando-se na Faculdade de Direito, pela qual se bacharelou em 1891. No secular estabelecimento de instrução superior, foi aluno de Tobias Barreto, Clóvis Beviláqua, Martins Junior, Artur Orlando, Adelino Filho e Sílvio Romero, numa época de grande agitação intelectual, na qual *Evolução* — era a palavra mágica, no dizer de um escritor piauiense. De volta ao Ceará, ocupou diversos cargos de projeção, como os de promotor de justiça e juiz em comarcas do interior, professor de Direito Civil da Faculdade de Direito e Diretor da Escola Normal, demonstrando em todos êles invulgar erudição e formoso talento. Redatoriu o jornal "O Norte". Foi um dos fundadores da Padaria Espiritual.

Na opinião valiosa de Clóvis Beviláqua, na "História da Faculdade de Direito de Recife", Alves Lima é poeta e jurista filósofo de real merecimento. Como poeta, nos seus versos combateu os exageros do parnasianismo e prestou culto ao sentimento, fonte de toda a poesia. Como jurista filósofo, é autor de um livro notável, aparecido em 1909, a "Psicologia do Direito".

Em idade propecta, sabe ainda versejar como nos bons dias da mocidade e, tendo tido a grande satisfação de comparecer, no dia 15 de agosto de 1954, à sessão solene comemorativa do 60.º aniversário da Academia, proferiu belo e substancioso discurso, que lhe valeu uma consagração dos presentes.

#### Obras principais:

- "Estrofes" (versos)
- "Psicologia do Direito"
- "A base física do Estado"
- "O Código Civil e a idéia de força do Direito"
- "O Direito Internacional Privado e a liberdade de consciência"
- "A luta pela vida na consciência" (estudo sobre a capacidade jurídica no Código Civil Brasileiro)
- "A Psicologia, sua posição e seu método".

12 — WALDEMIRO CAVALCANTE — Nasceu em Granja, a 26 de janeiro de 1869. Filho do Ten. Cel. Antônio Pereira Jacinto Cavalcante e de D. Antônia



Ferreira Barros Cavalcante. Na adolescência, mostrou inclinação para o jornalismo, havendo fundado na sua cidade natal o "Ensalo". Fêz os estudos preparatórios no Instituto de Humanidades, dirigido pelo Monsenhor Bruno Figueiredo. Quando estudante, em Fortaleza, colaborou no "Cearense" e fundou os jornais literários "Colibri" e "Phylolitera". Matriculado na Faculdade de Direito de Recife, bacharelou-se a 19 de julho de 1891.

Durante o seu curso académico, na capital de Pernambuco, escreveu no "Clarim", órgão do Centro Republicano mantido pelos seus colegas, e no "Norte". Representou, nessa mesma época, os estudantes cearenses, na sessão fúnebre realizada no Teatro Santa Isabel em homenagem a José Bonifácio, o Moço, como um dos oradores. Exerceu no Ceará as funções de Promotor de Justiça do Icó, secretário da Chefatura de Polícia, Secretário do Interior e Diretor da Escola Normal. Tomou parte no primeiro Congresso Constituinte estadual, havendo sido membro da comissão encarregada de elaborar o projeto de Constituição. Dirigiu o "Libertador", "A República" e "Jornal do Ceará" e colaborou na "Pátria", "Diário do Ceará" e "Jornal do Agricultor", êste do Rio de Janeiro. Manteve banca de advogado, com grande clientela. Pertenceu á **Padaria Espiritual**, com o nome de Ivan d'Azhoff. Presidiu a Sociedade Cearense de Agricultura. Foi orador fluente, hábil manejador da pena e político de evidência. Faleceu em Fortaleza, a 3 de fevereiro de 1914.

**Obras principais:**

"Barbosa de Freitas" (biografia, no "Cearense")

"Males e Remédios — Pro Ceará".

"Silos, Forragens"

"Discurso" (Proferido por ocasião da inauguração do retrato do Dr. Nogueira Acíoli no quartel do Corpo de Segurança).

"Relatório de Diretor da Escola Normal" (1899)

13 — TOMAZ POMPEU (Tomaz Pompeu de Sousa Brasil) — Nasceu em Fortaleza, a 30 de junho de 1852. Filho do Senador Tomaz Pompeu de Sousa Brasil. Bacharel em Direito pela Faculdade de Recife, diplomado em 1872. Dedicou-se ao magistério, ao jornalismo, à política e, sobretudo, às letras e ao estudo das questões sociais, económicas e jurídicas e da terra que lhe serviu de berço. Redatoriu

o "Cearense" e a "Gazeta do Norte", foi deputado geral às 17<sup>a.</sup>, 18<sup>a.</sup> e 19<sup>a.</sup> legislaturas, assumiu em 1889 o Governo da província, lecionou no Liceu do Ceará, Escola Militar e Escola Normal e foi um dos fundadores da Faculdade de Direito, na qual ocupou uma das cátedras e exerceu o cargo de Diretor.



Com Rocha Lima, Araripe Junior Capistrano de Abreu, França Leite, Antônio José de Meo e Felino Barroso fêz parte das famosas reuniões a que o primeiro chamava Academia Francesa. Pertenceu ao Instituto do Ceará, de que foi presidente. Monarquista de sólidas convicções, não aderiu ao golpe militar de 1889, exaltando pela imprensa as instituições decaídas, o

que lhe valeu uma injusta prisão no quartel do Batalhão do Exército sediado nesta capital. Trabalhava catorze horas por dia. E, quando foi colhido inopinada-

mente pela morte, encontrava-se no seu gabinete, de pena na mão, escrevendo o seu ensaio alusivo a José de Alencar.

Foi o primeiro presidente que teve a Academia Cearense de Letras, instituição a que prestou grandes serviços.

Polígrafo, possuidor de extraordinária cultura, legou às gerações presentes e futuras trabalhos de alto valor, escritos com critério e base científica, durante a sua longa vida tóda dedicada aos estudos e esforços intelectuais. Faleceu em Fortaleza, a 6 de abril de 1929.

**Obras principais:**

"Lições de Geografia Geral"

"O Ceará no Começo do Seculo XX"

"O Ceará no Centenário da Independência do Brasil"

"Direito Público Constitucional"

"Lições de Direito Constitucional"

"A Cultura do Algodão, especialmente no Ceará"

"A Maniçoba"

"O Ensino Superior no Brasil"

"História Política do Ceará" (Inédita)

"História da Instrução Pública no Ceará" (Inédita)

"Teoria Geral do Direito Público. (em dois volumes, Inédita, resumida em "Direito Público Constitucional")

"Dicionário de Pensamentos" (em doze volumes, Inédito)

"Dualidade das Câmaras Legislativas"

"José Martiniano de Alencar — O homem e o homem de letras".

14 — RAIMUNDO DE ARRUDA (Raimundo Leopoldo Coelho de) — Nasceu em Sobral, a 2 de novembro de 1863. Filho de Vicente Ferreira de Arruda, professor de Latim, e de D. Guilhermina Gomes Coelho de Arruda. Diplomou-se em Farmácia no ano de 1884, pela Faculdade de Medicina da Bahia. De volta ao Ceará, dedicou-se ao magistério, em que se notabilizou, sobretudo como conhecedor profundo dos assuntos filológicos. Exerceu as funções de lente de Português, Geografia e Literatura do Liceu do Ceará, estabelecimento de instrução em cuja direção esteve mais de uma vez. Criada em 1903 a Faculdade Livre de Direito, foi dos primeiros cearenses e nela se inscrever, conquistando tempos depois a carta de bacharel em ciências jurídicas e sociais. Militou na política, havendo exercido o mandato de deputado estadual em diversas legislaturas e os cargos de Secretário da Fazenda e Chefe de Polícia.

Escreveu vários discursos e artigos de colaboração em jornais, com a correção que lhe era peculiar. Faleceu em Fortaleza, a 26 de julho de 1934.

**Obras principais:**

"Relatório de Secretário Interino dos Negócios da Justiça" (1908)

"Relatório de Chefe de Polícia" (apresentado ao Presidente do Estado em 26-6-1908)

"Plaudite, cíves!" (discurso, pronunciado em 1915, por ocasião do regres-

so a Fortaleza do inclito Arcebispo D. Manuel da Silva Gomes, que fôra aos Estados do sul esmolar em benefício dos cearenses, vítimas da sêca) "Medicina e Farmácia" (publicado no "Almanaque do Ceará" de 1922) "Discurso" (pronunciado na sessão cívica de 10 de setembro de 1922, promovida pela Escola de Comércio da Fenix Caixerai).

15 — ALVARO MENDES (Alvaro Teixeira de Sousa) — Nasceu em Teresina, Piauí, a 25 de julho de 1863. Filho do desembargador Antônio de Sousa Mendes Júnior. Estudou preparatórios no Liceu Piaulense. Coursou a Faculdade de Direito de Recife, colando grau de bacharel em 1884. Exerceu os cargos de Promotor de Justiça de Baturité (Ceará), Juiz de Direito de Morrinhos (Goiás), Chefe de Polícia do Piauí e Chefe de Polícia do Ceará. Todos os seus atos como Chefe de Polícia do Ceará, de 19-7-1912 a 9-8-1913, em um período de grande agitação na política da nossa terra, revelaram energia e espírito de justiça, assinalou Hugo Vitor, no livro "Chefes de Polícia". Desempenhou, também, o mandato de Deputado Federal pelo seu Estado, em duas legislaturas. Faleceu em Fortaleza, a 27 de Setembro de 1940.

**Obras principais:**

"Moinhos de Vento", (vantagens de sua aplicação à agricultura e pequenas indústrias do Ceará) e vários outros trabalhos publicados esparsamente.

16 — JOSE CARLOS JUNIOR (José Carlos da Costa Ribeiro) — Nasceu na capital da Paraíba, a 24 de julho de 1860. Filho do Dr. José Carlos da Costa Ribeiro e de D. Adelaide da Costa Ribeiro. Formou-se em Direito pela Faculdade de Recife, a 24 de outubro de 1882. Exerceu as funções de Promotor Público de Recife e, no Ceará, as de Procurador da Fazenda Provincial, Juiz Municipal de Ipu, Delegado de Polícia do 2º Distrito de Fortaleza, Chefe de Polícia, membro do Conselho Superior da Instrução Pública, catedrático de Alemão do Liceu e Secretário da Fazenda. No Magistério grangeou merecido renome. Colaborou em vários jornais paraibanos, pernambucanos e cearenses. Foi figura das mais distintas da literatura provinciana. Fêz parte da Padaria Espiritual, onde era o padeiro — Bruno Jaci. Como escritor foi um prosador admirável, cantor primoroso, finíssimo cronista e poeta delicado e correto, segundo escreveu Antônio Sales em "O Pão", edição de 15 de agosto de 1896. Desaparecido bem cedo do rol dos vivos, o seu sucessor na Academia foi RODRIGUES DE CARVALHO (José), nascido na povoação de Alagoinha, comarca de Guarabera, Paraíba, a 18 de dezembro de 1867 e falecido em 1936 no mesmo Estado, poeta, folclorista e jurista, autor dos livros de versos "O Coração", "Prismas", "Sacrário" e "Poema de Maio", do "Cancioneiro do Norte" e do célebre soneto "Os Selos". Faleceu José Carlos em Fortaleza, a 29 de maio de 1896.

**Obras principais:**

"Estudos Americanos" (Inédito)

"Os Sinos", de Schiller, tradução, e vários trabalhos de colaboração em revistas e jornais.

17 — VIRGÍLIO DE MORAIS (Virgílio Augusto) — Nasceu em Sobral, a 21 de dezembro de 1845. Filho do Major Manuel Francisco de Moraes e de D. Carlota Maria da Glória de Moraes. Coursou o Ginásio Pernambucano, onde fez os preparatórios, e, depois, a Faculdade de Direito de Recife, nesta recebendo o diploma de bacharel em ciências jurídicas e sociais, no ano de 1867. Exerceu as funções de Promotor de Justiça de Baturité, Procurador da Fazenda Provincial, Diretor da Instrução Pública e professor do Liceu do Ceará e da Faculdade de Direito. Redigiu a "Gazeta Forense", em 1876. Jurisconsulto, especializado em Direito Comercial, e advogado criterioso, conquistou merecido renome perante os seus contemporâneos. Amava as letras jurídicas e as belas letras. Foi um dos fundadores do Instituto do Ceará. Publicou vários trabalhos, escritos por exigências da sua profissão de causídico. O seu nome ilustre está mencionado nas "Memórias de Viagem de D. Pedro II pelas províncias do Norte", à pag. 120, II volume, conforme refere Guilherme Studart no seu "Dic. Bio-Bibliográfico Cearense". Faleceu em Fortaleza, a 6 de maio de 1914.

**Obras principais:**

"Responsabilidade Civil do Estado"

"Jurisprudência — Julzo Arbitral".

18 — JOSE' DE BARCELOS (Silva Sobrinho) — Nasceu em Baturité, a 7 de julho de 1843. Filho de João Tomaz de Barcelos e de D. Francisca Alexandrina de Carvalho. Foi um notável humanista, competente, sobretudo, em Geografia, História e Grego. Exerceu os cargos de Diretor da Escola Normal, estabelecimento de ensino em que lecionou Português, Pedagogia e Metodologia, professor do Liceu do Ceará e Diretor da Biblioteca Pública. Desempenhou importantes comissões do governo da antiga província, em benefício da instrução pública, havendo estado com esse objetivo na Bahia e depois na Bélgica, apresentando a respeito excelentes relatórios. Mereceu honrosas referências de Mr. Sluys, Diretor da Escola Normal de Bruxelas. Na Suíça, convidado pela direção de um afamado ginásio, ministrou uma aula de Geografia, escolhendo para tema da palestra o próprio país em que se encontrava, e demonstrou tanta competência que despertou a admiração e o entusiasmo do auditório. Redigiu a "Estrela" e o "Jornal de Domingo" e colaborou no "Cearense", "União Artística" e "Gazeta do Norte". Era cultor da ciência da educação e da língua e literatura helênicas.

São de sua autoria vários Regulamentos e Regimentos Internos relativos a escolas do nível secundário. Publicou na imprensa diversas traduções de autores clássicos e modernos. Faleceu em Fortaleza, a 24 de outubro de 1919.

**Obras principais:**

"Estudo sobre os Trágicos Gregos"

"Noções de Pedagogia Teórica e Prática"

"Pontos de Geografia e Cosmografia"

"Ensino simultâneo da leitura e da escrita"

"Novos pontos de Geografia"

"A prova escrita dos pontos de Geografia e Cosmografia"

"A Volta", poema de Henri Heine, tradução.

"Relatório de Bibliotecário Público"

"Relatório de Diretor da Escola Normal" (1898)

19 — ANTÔNIO BEZERRA (de Menezes) — Nasceu em Quixeramobim, a 21 de fevereiro de 1842. Filho do Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra e de D. Maria Teresa de Albuquerque Bezerra. Desejoso de seguir a carreira eclesiástica, matriculou-se no Seminário de Fortaleza, que em seguida abandonou, viajando para São Paulo a fim de cursar a Faculdade de Direito, de que também desistiu, voltando



ao Ceará, de cujo Tesouro Provincial se tornou alto funcionário. Foi poeta, prosador, historiógrafo e naturalista. Colaborou na imprensa cearense, versando assuntos literários. Constituiu com João Cordeiro e José do Amaral a trindade máxima do abolicionismo cearense, consoante opinou um de seus biógrafos. Foi residir no Amazonas, depois de aposentado, onde dirigiu o Museu de Manaus e redatoriu o jornal "Pátria".

Fundou com outros companheiros o Instituto do Ceará e o Centro Literário. Pertenceu à Padaria Espiritual, onde usava o pseudônimo de André Carnaúba. Escreveu sobre os mais variados assuntos, com a proficiência de um sábio e a elegância de um artista. O seu espólio de homem de letras e pesquisador dos fatos históricos é constituído de livros e monografias de subido valor. Antônio Bezerra foi considerado, por Andrade Furtado, "O Cearense Padrão". Faleceu em Fortaleza, a 28 de agosto de 1921.

**Obras principais:**

"Sonho de Moço" (versos)

"Três Liras" (poesias, com Antônio Martins e Justiniano de Serpa)

"Notas de Viagem"

"Horas de Recreio" (folhetins)

"O Ceará e os Cearenses"

"Maranguape"

"Descrição da Cidade de Fortaleza"

"Porangaba"

"As Praias"

"Algumas Origens do Ceará".

20 — EDUARDO STUDART (Eduardo Guilherme Osvaldo) — Nasceu em Fortaleza, a 21 de outubro de 1863. Filho do cônsul britânico, John William Studart, e de D. Leonísia de Castro Studart. Cursou o Colégio S. José, da Bahia, matriculando-se depois na Faculdade de Direito de Recife, por onde se bacharelou, a 23 de novembro de 1886. Exerceu vários cargos na magistratura e no Ministério

Público do Ceará, Maranhão e Piauí. Em Fortaleza, lecionou Direito Comercial e Economia Política na Escola de Comércio anexa ao Liceu do Ceará, foi procurador geral da Santa Casa, Cônsul da Bélgica, Diretor do Congresso de Ciências Práticas e um dos organizadores da Associação Comercial. Desempenhou os mandatos de Deputado Estadual e Deputado Federal. Nomeado Juiz Federal, durante alguns anos esteve no exercício dessas relevantes funções, sendo depois aposentado. Jornalista, colaborou na imprensa cearense e carioca, escrevendo a respeito de assuntos políticos e literários. É pai de Mário Studart, um talento promissor, desaparecido no veredor dos anos. Reside no Rio de Janeiro.

**Obras principais:**

"Continuas a viver..." (dedicado à memória de seu filho Mário Studart) e vários artigos de colaboração em revistas e jornais.

21 — ADOLFO F. LUNA FREIRE (Adolfo Frederico de) — Nasceu em Recife, Estado de Pernambuco, a 29 de agosto de 1864. Filho do Desembargador Adelino Antônio de Luna Freire, que foi membro do Tribunal da Relação do Ceará, e de D. Umbelina Augusta de Melo Luna. Médico, diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1887. A sua tese de doutoramento, que teve por título "Estudo Clínico da Diátese Fibrosa", foi aprovada com distinção. Chegando à Capital cearense a 22 de março daquele ano, aqui se entregou ao exercício da sua profissão e assumiu o cargo de professor de Ciências Naturais da Escola Militar. Como seus irmãos Adelino Filho, Antônio Tomaz e Júlio Augusto, bacharéis de notório brilho intelectual, era um homem de valor, havendo sido considerado pela "Gazeta do Norte", edição de 14 de novembro de 1887, "ilustre clínico e talento de grandes esperanças". Nas colunas desse jornal escreveu uma série de artigos intitulados "A Transfusão de Sangue", a propósito de um caso de gangrena senil, tratado pelo Dr. Meton de Alencar, com quem manteve então polémica, servindo-se o último das páginas do "Cearense". Na Academia Cearense, teve brilhante atuação, fazendo parte de importantes comissões e discutindo assuntos científicos nas suas sessões ordinárias. Transferindo-se em 1901 para a metrópole brasileira, lá exerceu o magistério como docente livre de Clínica Médica da Faculdade de Medicina e professor de Higiene da Escola Normal, foi médico do Hospital D. Pedro II e do Hospital da Gamboa, Sanitarista da Diretoria de Saúde Pública, colaborando com Oswaldo Cruz no combate à febre amarela, Membro Titular Emérito da Academia Nacional de Medicina, redator do "Brasil Médico" e presidente da Associação de Funcionários Públicos Cíveis. Em 1918, fez parte, com o posto de coronel, da Missão Médica Militar enviada pelo Brasil à Europa em guerra, obtendo as condecorações pro Labore e Medalha de Honra, por devotamento. Durante a epidemia da gripe, foi distinguido com convite para dirigir o Hospital de Bordeaux, demonstrando nessa chefia grande capacidade e dedicação. Faleceu no Rio de Janeiro, a 23 de setembro de 1953.

**Obras principais:**

"Estudo Clínico da Diátese Fibrosa"  
"A Hiperme-galla Hepática"

- "Meningite Secundária, consecutiva às cólicas do Recife"
- "Algumas Considerações sôbre a Patologia Nervosa"
- "Sôbre um Caso de Hemi-Espasmo Facial"
- "Contra a Homeopatia"
- "Lição de Clínica Médica"
- "Filhos de Alcoólatras"
- "Estudos sôbre o Cancer"
- "Semiótica do Espaço Semilunar de Traube"

22 — EDUARDO SALGADO (Eduardo da Rocha) — Nasceu em Fortaleza, a 20 de abril de 1864. Filho de Francisco Luiz Salgado e de D. Virginia da Rocha Salgado. Doutorado em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, fêz uma viagem de estudos à Europa, fixando depois residência nesta capital, onde atendeu a uma imensa clientela durante longos anos, gozando do conceito de notável cirurgião. Foi Diretor Clínico da Santa Casa de Misericórdia, Inspetor de Higiene do Estado, médico da Força Policial e professor de Medicina Pública da Faculdade de Direito, estabelecimento de instrução superior cuja direção também exerceu. Escreveu sôbre questões médicas no periódico "Divulgador" e na "A República". Faleceu no Rio de Janeiro, a 21 de maio de 1934.

**Obras principais:**

- "Do Tratamento Cirúrgico das Aneurismas da Aorta" (tese de doutoramento)
- "Conselhos e Práticas da Medicina Doméstica para os casos mais comuns de envenenamento, na ausência de médico".

23 — ALCÂNTARA BILHAR (Joaquim Lopes de) — Nasceu em Crato, a 27 de fevereiro de 1848. Filho de Joaquim Lopes Raimundo Bilhar e de D. Isabel Bilhar de Alcântara. Formou-se em Direito pela Faculdade de Recife, a 17 de novembro de 1871. Exerceu os cargos de Promotor de Justiça da comarca de Crato, Juiz Municipal dos termos reunidos de Crato, Barbalha e Missão Velha, Juiz de Direito de Iguatú e de Baturité, Chefe de Polícia do Ceará e Juiz de Direito de Aracaju, Estado de Sergipe. Na capital sergipana, distinguiu-se no fôro como advogado, tendo visto os seus trabalhos jurídicos transcritos no "O Direito", do Rio de Janeiro. Lecionou Direito Civil na Faculdade de Direito do Ceará, da qual foi um dos fundadores. Redigiu no Crato, com Felton Bomilcar e o Cónego Ulisses Penafort, o jornal "A Liberdade". Tinha a paixão do Direito, sendo profundo civilista, escreveu a seu respeito Pedro de Queiroz. Faleceu em Fortaleza, a 9 de maio de 1905.

**Obras principais:**

- "Defesa apresentada pelo Bacharel Joaquim Lopes de Alcântara Bilhar, Juiz de Direito de Baturité, no processo contra êle instaurado por denúncia de Lourenço Francisco Sampaio" e vários artigos jurídicos.

2\* — ANTONINO FONTENELE (Antônio da Cunha Fontenele) — Nasceu em Viçosa, a 23 de março de 1863. Filho do Capitão José da Cunha Fontenele e de D. Ana Alexandrina Fontenele. Fêz os estudos preparatórios no Instituto de Humanidades, de Fortaleza. Coursou a Faculdade de Direito de Recife, pela qual se bacharelou a 26 de março de 1887. Ocupou vários cargos judiciários, como Promotor de Justiça da sua terra natal, de Príncipe Imperial e de São Benedito, Juiz Municipal de Viçosa, Juiz de Direito Interino da mesma comarca, Juiz Substituto da primeira vara da capital e Juiz Substituto Seccional do Estado. Exerceu as funções de Diretor da Escola Normal, professor de História Geral e Instrução Cívica do mesmo estabelecimento, Diretor interino do Liceu do Ceará, catedrático de Direito Civil e, depois, de Teoria do Processo Cível e Comercial da Faculdade de Direito e advogado das Prefeituras de Fortaleza e Messejana. Foi caudado competente e de reputação. Escreveu diversos trabalhos forenses. Faleceu em Fortaleza, a 16 de outubro de 1937.

**Obras principais:**

"Recurso Extraordinário para o Supremo Tribunal Federal"

"Processo de Responsabilidade"

"Apelação Cível n. 1179".

"Relatório de Diretor da Escola Normal" (1905)

25 — ANTÔNIO TEODORICO DA COSTA (filho) — Nasceu em Fortaleza, a 12 de agosto de 1861. Filho do Comendador Antônio Teodorico da Costa e de D. Hígina de Castro Costa. Fêz os preparatórios na sua cidade natal e no Rio de Janeiro, em cuja Escola Politécnica se matriculou e veio a receber o grau de Engenheiro Civil em 1884. Exerceu vários cargos técnicos, como os de Condutor de 1ª classe, Engenheiro de 2ª classe da Estrada de Ferro da Bahia a Jardim e, transferido para o prolongamento da Estrada de Ferro de Baturité, nesta os de ajudante de 1ª classe, Chefe de Secção e 1º Engenheiro. Foi Tesoureiro das Sociedades Abolicionistas da Escola Politécnica e Cearense, da antiga Capital do Império. Colaborou na "Revista Politécnica", do Rio de Janeiro, na "Galeria Cearense" e em diversos jornais do Ceará. Pertenceu ao corpo docente do Liceu do Ceará, na qualidade de professor de Geografia e Corografia do Brasil. Era membro do Instituto Politécnico, sediado na metrópole brasileira, e do Instituto do Ceará. Tinha vasta cultura científica e foi autor de formosas páginas literárias. O convívio com outros homens de pensamento, na Academia Cearense e no Instituto do Ceará, foi sempre do seu agrado. Faleceu em Fortaleza, a 4 de junho de 1939.

**Obras principais:**

"Projeto de um teatro para a cidade de Fortaleza"

"Projeto de esgotos para a mesma cidade"

"Projeto de abastecimento d'água e esgotos para a mesma cidade"

"Notícias sobre a agricultura do Ceará"

"A Geografia"

"O Cometa de Halley"

"Folhas ao Vento"



- "Homenagem a Lauro Sodré (discurso)"
- "Liceu do Ceará" (discurso)
- "O homem e os progressos de sua locomoção"
- "Ruidos e sonsidos"
- "Fragmentos Esparsos"
- "Colheita Literária"
- "Páginas Volvidas"
- "Considerações Gerais sobre Higiene Privada" (salubridade e saneamento de Fortaleza)

26 — PADRE VALDIVINO NOGUEIRA (Padre Francisco) — Nasceu em Limoeiro do Norte, a 24 de abril de 1866. Filho de Francisco Valdivino Nogueira e de D. Maria Joana de Carvalho. Coursou o Seminário de Fortaleza, ordenando-se sacerdote em 1888. Lecionou vários anos no mesmo Seminário, época em que dirigiu o jornal "A Luz" e redatoriou a "Verdade", grande órgão católico. Exerceu o seu ministério como coadjutor da freguesia de Baturité e Vigário de Cascavel. Representou o Estado do Ceará nas festas do 1º Centenário da Revolução de 1817, em Recife, capital de Pernambuco. Foi notável orador sacro, podendo ser chamado o Alves Mendes cearense. Cultivou também as musas, com delicadeza e sentimento. Faleceu em Redenção, a 8 de setembro de 1921.

**Obras principais:**

- "A Ação Social do Padre"
- "A Cruz na História"
- "Oração Sacra" (produzida no Te-Deum de 31 de julho de 1903 na Sé Catedral de Fortaleza)
- "O Processo do Coronel Juvenal"
- "A Dignidade da Mulher no Cristianismo"
- "Discursos"
- "Oração" (proferida na Sé Catedral de Fortaleza a 9 de janeiro de 1921, por ocasião das solenidades comemorativas da chegada ao Brasil dos restos mortais dos inesquecíveis Imperadores D. Pedro II e D. Teresa Cristina)
- "Florilégio" (edição patrocinada pelo Cel. Juvenal de Carvalho, seu padrastrô, e publicada sob a direção do seu sobrinho Acadêmico José Valdevino, onde estão contidas poesias e discursos).

27 — HENRIQUE THÉBERGE — Nasceu em Recife, a 27 de junho de 1838. Filho do Dr. Pedro Théberge, médico francês e grande historiador do Ceará, e de D. Maria Elisa Soulé Théberge. Veio para o Ceará em companhia dos pais, indo residir no Icó, onde fez os primeiros estudos. Sentando praça no 10. Batalhão de Artilharia a pé, então sediado nesta capital, viajou para o Rio de Janeiro onde se matriculou na Escola Militar e, saindo alferes-aluno, com a conclusão simultânea do curso de Agronomia, foi promovido a tenente em 1864. Serviu no teatro de operações do Paraguai, durante a guerra de Solano Lopez contra o Brasil, havendo sido agraciado com Medalhas Militares pela sua

pátria, a Argentina e o Uruguai. Exerceu no Ceará as funções de Engenheiro-Ajudante das Obras Públicas, Bibliotecário Público, Engenheiro-Chefe das Obras Públicas, Engenheiro da Província, Engenheiro da Estrada de Ferro de Baturité, Gerente da Companhia Ferro-Carril e professor interino de Geometria do Liceu. Na Bahia havia sido, em 1886, o titular do cargo de Engenheiro-Chefe do Tráfego e Locomoção da Estrada de Ferro de Paulo Afonso. Foi Diretor da Associação Propagadora da Arboricultura, fundada nesta capital em 1894, e presidente da Associação Artística Cearense. Homem de letras de indiscutível merecimento, redatoriu durante nove anos a Revista da Academia, publicou a 3a. parte do "Esboço Histórico sobre a Província do Ceará", do seu ilustre pai, e escreveu vários trabalhos sobre Botânica, relativos à nossa terra, os quais receberam Menções Honrosas nas Exposições do Rio de Janeiro, de Filadélfia e de Chicago. Falleceu em Fortaleza, a 11 de junho de 1905.

**Obras principais:**

"Carta da Província do Ceará"

"Flora e Fauna Cearenses"

"De Fortaleza á cidade de Limoeiro" (impressões de viagem).

## A REVISTA

A "Revista da Academia Cearense de Letras", que, representando o pensamento e documentando os esforços da entidade, honra as tradições culturais da província, iniciou a sua publicação em 1896, sob a denominação de "Revista da Academia Cearense", tendo como redatores Pedro de Queiroz, Henrique Theberge e Guilherme Studart e sendo impressa na Tipografia Studart, à rua Formosa n. 64. Publicada ininterruptamente até 1914, saiu a partir de 1904 da Tipografia Minerva, á rua Major Facundo, e sofreu ligeiras alterações na composição do seu corpo redatorial, com a substituição de Theberge, que falecera, por José Rodrigues de Carvalho, e deste, que, depois, se ausentara para a Paraíba, por Tomaz Pompeu. Em fevereiro de 1937 passou a receber o título de "Revista da Academia Cearense de Letras" (segunda fase), circulando sob a direção de Antônio Sales, com a coadjuvação de Dolor Barreira, Clodoaldo Pinto, Ermínio Araújo e Martinz de Aguiar e entregues os trabalhos gráficos á firma Ramos & Pouchein. Continuou a aparecer até 1941, mas de 1938 em diante dirigida por Tomaz Pompeu Sobrinho, havendo os dois últimos números sido confeccionados pela Editora Fortaleza. Em 1953, conservando o mesmo título, novamente veio a lume, com a referência — ano LVII, n. 25, soma de todos os fascículos, sob a direção de Mário Linhares e redatorizada por Manoel Albano Amora, Hugo Catunda, Henriqueta Galeno, Adonias Lima e Luís Sucupira.

Nos vinte e cinco volumes desse órgão de publicidade encontram-se artigos, ensaios e discursos da autoria de luminares da ciência e da literatura. "Estudos sobre a Palingenesia da Língua Tupi", de Ulisses Penafort, "Importância da Vida Humana como Fator de Riqueza", de Tomaz Pompeu, "Patologia Histórica Brasileira", de Guilherme Studart, "A Evolução Cearense", de Pedro de

Queiroz, "A Ação Social do Padre", do Padre Valdivino Nogueira, "Franklin Távora", de Clóvis Bevilacqua, "Flora e Fauna Cearense", de Henrique Théberge, "A Primeira Ocupação Holandesa do Ceará", de Alfredo de Carvalho, "Sobre a Filosofia de Malebranche", de Farias Brito, "O Problema das Chuvas nas Regiões Secas", de Orville A. Derby, "Em Defesa do Ceará", de Antônio Sales, "A Linguagem da Academia Cearense de Letras", de Martinz de Aguiar, "O Adeus da Academia", do Padre Misael Gomes, "O Ceará na Poesia de Antônio Sales", de Alba Valdez, "Durval de Moraes", de Mário Linhares, "Livio Barreto", de Gastão Justa, "Juvenal Galeno", de Henriqueta Galeno, "Oração da Academia", de Andrade Furtado, "Oração á Chuva", de Perboyre e Silva, "Inscrições Ruprestres Sul-Americanas e dos Sertões do Nordeste", de Tomaz Pompeu Sobrinho, e "Serenata de Braga", de Mozart Pinto, servem de exemplos.

O número primeiro compreende dois fascículos.

Os números I a XVIII constituem hoje raridades, procuradas com avidez pelos bibliófilos.

A matéria constante de todos os tomos, aliás, é, resumidamente, a seguinte:

No tomo I, fascículo I (1896):

"Estatutos da Academia Cearense".

"Atas da Academia Cearense".

"Importância da vida humana como fator da riqueza. O desenvolvimento da população da Fortaleza. Sua natividade e mortalidade. Taxa excessiva desta". — Tomaz Pompeu.

"Patologia Histórica Brasileira. Documentos para a história da pestilência da bicha ou males" — Guilherme Studart.

"A ação social do Padre" — Pe. Valdivino Nogueira

"Homens do Ceará. Biografia de Tomaz Pompeu". — Farias Brito.

"Tese de sociologia criminal. Parecer da respectiva Comissão".

"Tese de Direito Constitucional. Parecer da respectiva Comissão".

"Votos em separado".

No tomo I, fascículo II (1896):

"Análise dos diferentes sistemas de esgotos" — Tomaz Pompeu.

"Dúvidas históricas" — Antonio Bezerra.

"Discurso pronunciado pelo orador oficial, Dr. Justiniano de Serpa, na sessão fúnebre em homenagem a José Carlos Junior".

"Bibliografia. Criminologia e Direito, de Clóvis Bevilacqua" — Pedro de Queiroz.

"Catálogo dos jornais de grande e pequeno formato publicados em Ceará" — Guilherme Studart.

"Atas das sessões da Academia Cearense".

No tomo II (1897):

"Discurso lido perante a Academia Cearense na sessão magna do 1º aniversário pelo seu presidente Dr. Tomaz Pompeu de Souza Brasil".

"Discurso do vice-presidente da Academia Cearense Dr. Pedro de Queiroz".

"Discurso do orador oficial Dr. J. de Serpa".

"A Cruz na História" — Pe. Valdevino Nogueira.

"O Manuscrito América de Alvaro Martins. Parecer n. 3. relator Dr. Pedro de Queiroz"

"O livro Prismas de J. Rodrigues de Carvalho". Parecer n. 4, relator Dr. Pedro de Queiroz".

"Discurso de apresentação do acadêmico Sr. J. Rodrigues de Carvalho"

"Discurso do orador oficial Pe. Valdivino Nogueira por ocasião da recepção do acadêmico J. Rodrigues de Carvalho".

"A propósito do bicentenário da morte de Antônio Vieira". Discurso de J. Rodrigues de Carvalho

"O Jesuita Antônio Vieira" — Gullherme Studart.

"Os efeitos benéficos das medidas higiênicas e especialmente de esgotos" — Tomaz Pompeu

"Homens do Ceará. Dr. Gullherme Studart" — Farias Brito.

"O Marquês de Tamandaré" — J. Artur Montenegro.

"Flora e Fauna Cearenses" — Henrique Théberge

"A canalização do rio S. Francisco ao Ceará. Um inédito de Marcos Antônio de Macedo"

"Catálogo dos jornais de pequeno e grande formato publicados em Ceará" — Gullherme Studart

"Bibliografia — As lições de geografia geral do Dr. Tomaz Pompeu (G. Studart). — Datas e Fatos para a história do Ceará (P. de Queiroz). — A ideia republicana no Brasil. Prioridade de Pernambuco. Pelo Major José Domingues Codeceira. (G. Studart)"

"Atas da Academia Cearense"

"Balanço da tesouraria da Academia Cearense de 15 de Agosto de 1894 a 31 de Dezembro de 1897".

No tomo III (1898):

"Discurso do Dr. Gonçalo de Almeida Souto na Sessão comemorativa do passamento do Acadêmico Dr. José Carlos Junior"

"Flora e Fauna Cearenses" (continuação) — Henrique Théberge

"Aspecto da Arte Brasileira Colonial" — Antonio da Cunha Barbosa

"Estudos Literários. Finalidade do Mundo de Farias Brito." — Pedro de Queiroz